

Seis décadas celebradas com 120 anos de obras de arte na Gulbenkian

Exposição. *Linhas do Tempo*, de entrada gratuita, abre ao público amanhã. É a primeira com curadoria da diretora Penelope Curtis

LINA SANTOS

Para quem se habituou a visitar a galeria temporária do Museu Calouste Gulbenkian, em Lisboa, a primeira novidade é que não vai ser preciso bilhete para entrar. A exposição, inaugurada hoje e aberta ao público a partir de amanhã, é gratuita. Outra mudança: a entrada faz-se pelo museu e não pela sede. É mais uma alteração: as peças do século XX, até agora com lugar cativo no Centro de Arte Moderna, fazem parte da penúltima de *Linhas do Tempo*, uma celebração de seis décadas de vida da instituição fundada em 1955 por Calouste Gulbenkian.

É com as moedas gregas, primeiros objetos colecionados pelo mi-

com João Carvalho Dias e Patrícia Rosas Priot. Ele vasculhou os arquivos do museu da fundação, ela mergulhou na documentação do Centro de Arte Moderna (CAM). Com a exposição, entra-se em nova fase a direção do Museu e do Centro de Arte Moderna e a mesma (versata). "Também achámos que era o momento ideal de juntar as duas coleções", sublinha.

Aínda não está à vista com um conjunto de cadeiras: três exemplares dos anos 1930 comprados pelo Centro de Arte Moderna em 1980 —o desenho do chão do arquiteto finlandês Alvar Aalto, a cadeira de Miles van der Rohe ou a de Le Corbusier—, concebidas quando Calouste Gulbenkian era já um colecionador de arte, estão em diálogo com uma cadeira do século XVIII, peça de decoração da casa da Avenida D'Água.

"O século XVIII estava muito na moda nos anos 20 do século XX, mas no mesmo tempo que compra esta peça também encomenda um tocador moderno em arte déco, a Edgar Brandt, em 1927", nota a diretora.

Penelope Curtis decidiu acrescentar à data de produção da obra, uma segunda informação: a data de aquisição. E fala em três níveis de leitura da exposição. A primeira, à vista de imediato. "Penso que está apelativa", diz, lançando o olhar pela galeria de exposições, sem paredes ou separações, de baixo para cima desloca-se sobre o conjunto. Há uma segunda leitura, sóbria: estética. "Percebemos o gosto, não só do colecionador mas da época, e das tendências." Sobre Calouste Gulbenkian, a curadora acrescenta: "Ele gosta de muitas coisas ao mesmo tempo". Misturam-se as portas



Vista geral da exposição *Linhas do Tempo*, que ocupa a sala de exposições temporárias da Fundação Gulbenkian. Sobre o tapete assóis foram suspensas duas cadeiras. Um exemplar dos anos 30 do finlandês Alvar Aalto, da coleção de Arte Moderna, e peças de cerâmica de Bela Silva, um dos 14 artistas convidados de verão do museu, inspiradas na cerâmica oriental



Estas são as primeiras exposições com curadoria de Penelope Curtis na Gulbenkian

lento da metade reflete as aquisições do Centro de Arte Moderna, a partir dos anos 1990.

A "elasticidade do tempo" é o que a Penelope Curtis quer mostrar com a exposição *Linhas do Tempo*. *As Cadeiras Gulbenkian*. *Comidas Contemporâneas*. "O tempo é multidirecional", diz, durante a apresentação à imprensa, explicando que não houve opção. "Tinha de fazer, estamos na celebração dos 60 anos da fundação".

Está é a primeira exposição com a sua curadoria, em colaboração

BILHÉTICA

Dois museus, uma entrada

É uma alteração de fundo e começa hoje. A direção comum, liderada por Penelope Curtis, soma-se a mudança de designação. Existirá apenas o Museu Calouste Gulbenkian, constituído pela Coleção do Fundador e pela Coleção Moderna. Ambos continuarão a ser mostrados em dois locais distintos. A mais recente está a ser alvo de um redesenho e abrirá ao público no dia 8 de julho. Mudam também os valores de entrada. Entrar nos dois museus passa a custar 10 euros. Aos domingos a entrada é gratuita (para ambos), a partir das 14.00. A exceção é a exposição *Linhas do Tempo*, que assinala os 60 anos de vida da Fundação Calouste Gulbenkian, em Portugal.

do elevador da casa de Paris, exemplar art déco, com as tapeçarias, a pintura e as artes decorativas, numa época em que o mercado do luxo, pós-1.ª Guerra Mundial, começa a despontar. Há, finalmente, uma receita maneira de olhar: peça a peça. "É uma exposição cheia de mini-histórias."

Uma intervenção subtil

Além da exposição *Linhas do Tempo* até 4 de outubro o museu recebe 14 convidados de verão, artistas contemporâneos cujas obras se podem ver em relação com o acervo da coleção do fundador. "Não quero alienar ninguém, mas quero trazer pessoas novas", frisa Penelope Curtis. Fala, por isso, em "mudanças sutis". Uma delas foi selecionar trabalhos dos artistas agora representados, em vez de encomendar obras novas. A única exceção são os bancos de jardim vestidos a ago, uma ideia que Fernando Fragateiro já queria desenvolver.

Na entrada, no lugar do Apolo (integra a exposição *Linhas do Tempo*) estão agora as cores, uma visão da "desmaterialização dos objetos", segundo a curadora Leonor Nazari.

A entrada em cena das peças contemporâneas, é um jogo sobre a tapeçaria oriental está agora um banho de tapetes. "É de borralha mede 4,6 metros e tem 20 quilos. Parece muito pesado...", diz Leonor Nazari. Na sala de porcelana chinesa, Bela Silva mostra oito exemplares de cerâmica. Os dragões as semelham-se aca das peças e não coincidência. "A artista confirmou que veio aqui e que esta sala é uma inspiração", diz Leonor Nazari. E junto às caixas de bolso japonesas, peças em fitas, de pequenas dimensões, e quase desconhecidas, de Rui Chafes. Com os e mais longe do ferro negro que habitualmente trabalha. Tem 25 anos. Sublinha Penelope: "Não era possível ser novo."

LINHAS DO TEMPO

Museu Calouste Gulbenkian
De 24 de junho a 7 de julho de 2015
Entrada livre

CONVIDADOS DE VERÃO

Museu Calouste Gulbenkian
De 24 de junho a 7 de julho de 2015
Entrada livre